



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1111

Museus Castro Maya: a coleção Brasileira de Jean-Baptiste Debret

Mariane Pimentel Tutui
(Universidade Estadual de Maringá – UEM)

Resumo: A coleção Brasileira é formada por estudos e obras realizadas por estrangeiros no Brasil. O artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) ganha destaque com uma grande série de aquarelas, desenhos, guaches e gravuras que compõem a coleção de Brasileira dos Museus Castro Maya, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Debret esteve no Brasil na primeira metade do século XIX e nos trópicos adquiriu novas formas de abordagens temáticas em seus registros pictóricos. Por quase um século, seus originais permaneceram distantes do alcance dos brasileiros. Entretanto, com a intensa discussão sobre o nacionalismo, realizadas no âmbito do movimento modernista (na primeira metade do século XX), fez com que colecionadores e estudiosos de arte passassem a ter interesse pelas obras do século passado, o que influencia na formação de grandes coleções de Brasileira. Na década de 1940, o colecionador de arte, mecenas e industrial Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894-1968) traz de volta ao Rio de Janeiro as obras debretianas realizadas durante sua estadia nos trópicos, ao adquirir na França e repatriar para o Brasil mais de 500 originais do artista. Este conjunto de obras integra a coleção Brasileira dos Museus Castro Maya, a qual não somente recuperou a memória do Brasil oitocentista, como também, à celebração de seu patrimônio natural, histórico e cultural.

Palavras-chave: Jean-Baptiste Debret; Museus Castro Maya; coleção Brasileira

Uma “Brasiliiana” é qualquer coleção cuja temática são os vários aspectos da vida e ou cultura brasileira, formada por estudos e obras (livros, ensaios, gravuras, fotos, filmes, entre outros), realizados por estrangeiros no Brasil.

Este artigo privilegia a coleção de Brasiliiana dos Museus Castro Maya, com destaque especial para as obras debretianas. Com um acervo diversificado, a Brasiliiana de Castro Maya abarca aproximadamente quatro séculos de história com cerca de 1700 imagens. É possível encontrar também cartas geográficas, pinturas a óleo, gravuras, desenhos, aquarelas e importantes publicações assinadas por alguns dos muitos viajantes que estiveram no Brasil em meados do século XIX¹. Movidos pela avidez da descoberta do novo mundo, estes viajantes nos legaram valiosas informações sobre os tipos humanos, paisagens, costumes, ofícios, instituições, festas religiosas e profanas, fauna e flora, entre outros aspectos dos trópicos. Por meio de um olhar diferenciado presente em suas obras, o Brasil passa a ser mais bem conhecido no mundo ocidental.

Os Museus Castro Maya/IPHAN/MinC – Museu do Açude e Museu da Chácara do Céu, ambos localizados na cidade do Rio de Janeiro, foram residências de Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894-1968) por ele doadas à Fundação que levava o seu nome (extinta na década de 1980). De família abastada, nascido em Paris, Castro Maya foi um aristocrata formado em direito, proprietário de uma empresa que produzia óleos vegetais para uso industrial, atuando também no comércio atacadista de tecidos. Foi mecenas, editor de livros, colecionador de arte, operando sempre no acautelamento do patrimônio histórico, artístico e natural do Rio de Janeiro².

¹ Mais informações em: <http://museuscastromaya.com.br/colecoes/brasiliana/>. Acesso em: 12 de junho de 2015.

² Dados retirados da Biografia de Raymundo Ottoni de Castro Maya. Disponível em Enciclopédia Itaú Cultural: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa214169/raymundo-ottoni-de-castro-maya>. Acesso em 28 de janeiro de 2015.

A coleção de arte começa quando seu pai, o engenheiro Raymundo de Castro Maya, arremata telas de paisagistas franceses em um leilão em Paris no final do século XIX. Entre as décadas de 1920 e 1960, Castro Maya adquiriu um total de 22 mil itens para somar a coleção que herdara do pai. As peças adquiridas perpassam desde pinturas de paisagem aos mais variados movimentos, como: o abstracionismo, o impressionismo, o fauvismo, o cubismo, o pontilhismo e o surrealismo. De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural³, sua coleção de arte brasileira vai da produção indígena ao modernismo; dentre as 1700 imagens avulsas, podemos encontrar obras de Frans Post (1612-1680), Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830), Rugendas (1802-1858), Mestre Valentim (ca. 1745-1813), entre outros.

O artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) ganha destaque na coleção de Brasileira de Castro Maya com 451 aquarelas, 58 desenhos e 29 gravuras⁴. Criado nos cânones da filosofia iluminista e influenciado esteticamente pelo Neoclassicismo, Debret inspira-se nas obras do mestre Jacques-Louis David (1748-1825) e o auxilia na composição da tela *O Juramento dos Horácios*⁵, considerada a pintura dos novos tempos, segundo o historiador de arte Jorge Coli:

A tela sintetizou aspirações teóricas, qualidades morais e sentimentos estéticos que vinham se formando a partir da primeira metade do século XVIII, sobre os quais repousava um princípio de reforma das artes. Ela foi o manifesto pictural do neoclassicismo, movimento que se salientou pelo caráter deliberado com que pretendeu restaurar a herança clássica (herança da antiguidade, mas também, no caso da pintura, de um moderno como Poussin), através de uma pureza e austeridade que desafiavam as complicações formais do barroco tardio (COLI, 1997, p.54).

O parisiense neoclássico segue como discípulo de David. Após o período revolucionário, integra o corpo de artistas da corte Napoleônica, onde executa obras majestosas do imperador e de suas campanhas militares. Com a queda do império, os artistas da corte de Napoleão perdem o seu principal incentivador. Desprestigiados, integram o que hoje conhecemos como *Missão*

³ Ibid.

⁴ Dados disponíveis em: <http://museuscastromaya.com.br/colecoes/brasiliانا/>. Acesso em 12 de junho de 2015.

⁵ Jacques-Louis David, **Le Serment des Horaces**, (O Juramento dos Horácios), 1784-5, óleo sobre tela, 330 x 425 cm. Musée du Louvre, Paris.

*Artística Francesa*⁶ e aportam nos trópicos no ano de 1816, com o intuito de estabelecer no Novo Reino Português, localizado nas Américas, uma Academia de Ciências, Artes e Ofícios e propagar o ensino acadêmico no país.

Debret permanece durante quinze anos no Rio de Janeiro atuando como pintor, desenhista, gravador, decorador, professor e cenógrafo. Em terras tropicais adquiri novas técnicas e formas de abordagens em seus registros pictóricos. O artista realizou alguns óleos sobre a corte carioca e muitas aquarelas e gravuras sobre a flora e fauna tropical, paisagens do Rio de Janeiro e da região sul do país; registrou também as festividades, os costumes e os tipos humanos que transitavam pelas ruas. Sua temática central devotava-se às representações da vida no Rio de Janeiro (onde os escravos de rua ganhavam destaque).

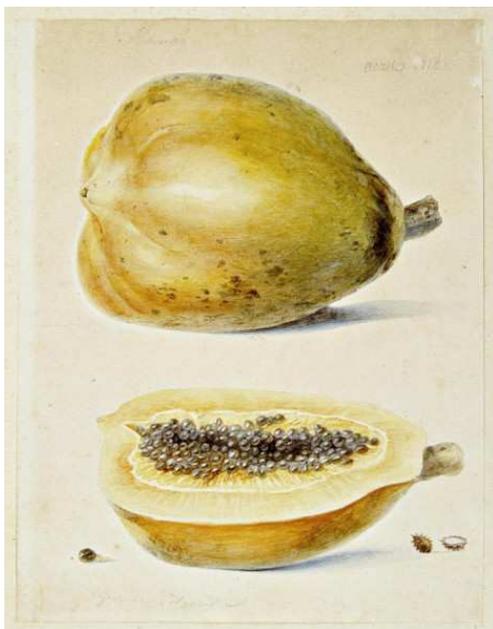


Figura 1⁷

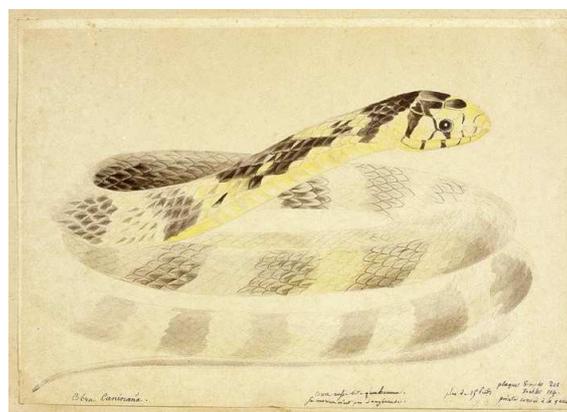


Figura 2⁸

⁶ O termo “Missão Artística Francesa” é utilizado entre aspas, pois na época não havia uma ideia formada de “Missão”. Este termo foi cunhado quase cem anos depois por Afonso d’Escagnolle Taunay (descendente de Nicolas-Antoine Taunay, também integrante da “Missão”). Ver SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Sol do Brasil. Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 179. Com base em Schwarcz, Guilherme Gomes defende em sua tese que a ideia de “Missão” vem da ideia de vocação de época, de um grupo coeso (ideia pensada de início do século XX para o XIX). Já nos ensaios de Mario Pedrosa, fica claro de que não havia um grupo coeso. Lebreton é influenciado por Humboldt a organizar um grupo, o qual não se comportou como grupo, ocorrendo desavenças entre Taunay e Debret e Taunay e Montigny.

⁷ Mamão. Jean-Baptiste Debret, aquarela; 23,9 x 18,5 cm; c. 1818. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro. Fonte: <http://museuscastromaya.com.br/colecoes/brasiliانا/>. Último acesso: 15 ago. 2015.



Figura 3⁹



Figura 4¹⁰

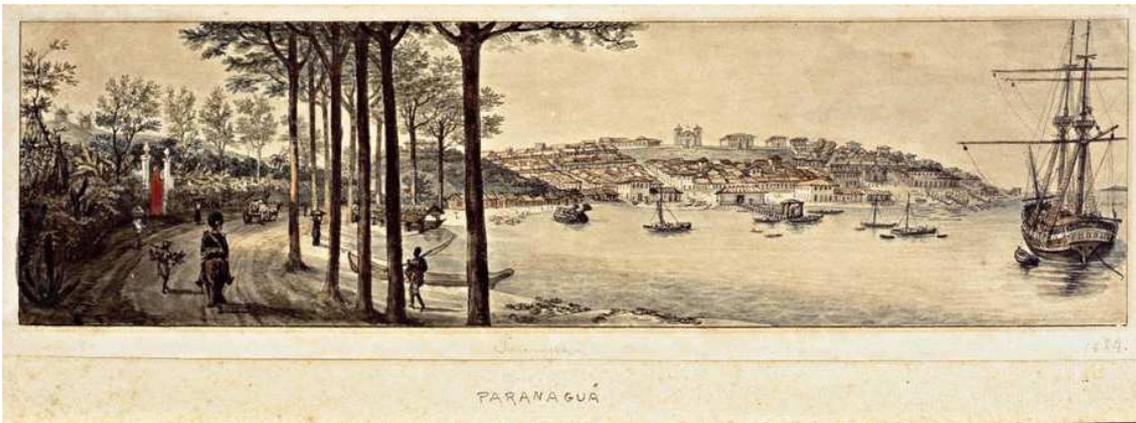


Figura 5¹¹

As obras destacadas acima integram a coleção de Brasiliana de Jean-Baptiste Debret dos Museus Castro Maya. A primeira obra em destaque é uma aquarela referente à flora tropical na qual o artista representa um mamão. Debret executou uma série de aquarelas sobre a diversidade da vegetação nativa, a qual mostra várias espécies de plantas e detalha suas diversas partes, como: galho, folha, fruto, flor, sementes, caroços, etc. Algumas estão representadas até em tamanho natural. De acordo com Bandeira e Lago

⁸ Cobra caninana. Jean-Baptiste Debret; aquarela; 18,9 x 26 cm; c. 1817-1829. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro. Fonte: <http://museuscastromaya.com.br/colecoes/brasiliansa/>. Último acesso: 15 ago. 2015.

⁹ Arquiduquesa Leopoldina, Primeira Imperatriz do Brasil, mulher de D. Pedro I. Jean-Baptiste Debret; gravura inserida na prancha 13 do terceiro volume do álbum *Voyage Pittoresque* publicado em 1839; 13,2 x 7,3 cm. Fonte: <http://museuscastromaya.com.br/colecoes/brasiliansa/>. Último acesso: 15 ago. 2015.

¹⁰ Negra com tatuagens vendendo caju. Jean-Baptiste Debret; aquarela sobre papel; 15,7 x 21,6 cm; 1827. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro. Fonte: <http://museuscastromaya.com.br/colecoes/brasiliansa/>. Último acesso: 15 ago. 2015.

¹¹ Paranaguá. Jean-Baptiste Debret; aquarela sobre papel; 10 x 36 cm; c. 1827. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro. Fonte: <http://museuscastromaya.com.br/colecoes/brasiliansa/>. Último acesso: 15 ago. 2015.

(2009)¹², com uma minuciosidade quase científica, o artista segue os passos de grandes naturalistas e botânicos, como por exemplo, Spix (1781-1826) e Martius (1794-1868). Na aquarela, observamos o fruto do mamoeiro inteiro no plano superior, de casca amarela esverdeada, logo abaixo, o fruto cortado ao meio mostrando sua polpa de cor laranja e suas sementes escuras. A temática estimulou muito a criatividade do artista e inspirou gravuras inseridas em *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834-1839)¹³. A segunda aquarela referente à fauna brasileira exhibe uma cobra caninana. Poucos animais aparecem nas gravuras de *Viagem Pitoresca*, como nos informa Bandeira e Lago, “Debret produziu só 26 estudos de animais e insetos que chegaram até nós” (BANDEIRA; LAGO, 2009, p. 488). De acordo com os autores, o artista não era naturalista, mas a qualidade de seus desenhos nos leva a acreditar que em algum momento Debret teve o intuito de registrar a flora e fauna tropicais. A serpente característica da América Central e do Sul é representada pelo artista em postura enrolada e de cabeça erguida, o tom de pele amarelado com manchas pretas grandes é uma característica desta espécie. A terceira obra é uma gravura de D. Leopoldina, inserida no terceiro volume de *Viagem Pitoresca*. Várias pinturas da arquiduquesa foram executadas por Debret, incluindo o seu desembarque em 1817 até o seu cortejo fúnebre em 1826. O artista encarregado de registrar todos os acontecimentos da corte real desde que aportara no Brasil realizou também a bandeira e os brasões do Império, as ordens honoríficas, a coroa, o cetro, as moedas e as medalhas; executou retratos da família real, de duques e duquesas, das damas da corte e jovens da elite, dos oficiais de justiça e ministros e até mesmo de vestimentas e penteados das damas. Nesta gravura observamos a riqueza dos detalhes das vestimentas e dos adornos luxuosos utilizados pela primeira imperatriz do Brasil, posicionada no primeiro plano da composição em frente ao trono real. A quarta obra é uma aquarela de 1827, referente aos escravos de rua. Debret

¹² BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil: obra completa, 1816-1831**. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2009.

¹³ A obra composta por três tomos fora publicada entre os anos de 1834-1839 em Paris, após o retorno do artista para o seu país de origem. *Viagem Pitoresca* reúne comentários e litografias referentes às aquarelas e gravuras realizadas no Brasil.

retratou todo o tipo de trabalho escravo, como destacou Naves (2011)¹⁴: em quase todas as cenas de rua, as pessoas são representadas bem de perto, ganhando destaque no primeiro plano da obra. Observamos nesta cena uma vendedora de caju sentada nas escadarias à beira-mar. No segundo plano, duas mulheres negras estão conversando, a que está posicionada em pé carrega frutas em uma cesta sobre a cabeça e uma galinha nas mãos e a que está sentada possui penteado adornado com contas de vidro. É interessante observarmos os adornos utilizados pelas mulheres: lenços, xale, brinco, balangandãs, colar, pulseiras, pinturas no rosto e tatuagem. O tabuleiro de cajus avermelhados também ganha destaque na presente cena, de acordo com o próprio artista¹⁵ o fruto era muito refrescante podendo ser consumido cru ou através de seu refresco. A quinta e última obra destacada trata-se de uma pintura de paisagem executada provavelmente em 1827, quando Debret retorna de sua viagem ao sul do país. Esta foi à única viagem que o artista realizou fora do Rio de Janeiro durante toda a sua estadia no Brasil. Debret deixa a capital rumo a São Paulo, Paraná, Santa Catarina e parte do Rio Grande do Sul, retornando ao Rio de Janeiro por mar. Esta viagem permitiu ao artista executar aproximadamente cem aquarelas de paisagens. Na obra “Paranaguá”, Debret nos proporciona um panorama da antiga vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, cidade mais antiga do Paraná (fundada em 1648) e localizada no litoral. O porto da cidade cercado de casinhas e com uma igreja no alto do morro ganha destaque nas pinceladas do artista; além da vegetação, é possível identificarmos também o soldado a cavalo, uma charrete, vendedores ambulantes, pescadores e embarcações.

O reconhecimento da obra de Debret, assim como o seu prestígio no Brasil tardaram a acontecer¹⁶; foi somente na primeira metade do século XX que as discussões sobre o nacionalismo, conduzidas na esfera do movimento modernista se intensificaram, trazendo à tona o interesse de pesquisadores e colecionadores de arte pelas obras do passado (o que influenciou a formação

¹⁴ NAVES, Rodrigo. Debret, o neoclassicismo e a escravidão. In. **A Forma Difícil: ensaios sobre a arte brasileira**. São Paulo: Ática, 1996 e 2011.

¹⁵ Ver: BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil: obra completa, 1816-1831**. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2009, p. 205.

¹⁶ Devido à chegada da fotografia (na década de 1839) e também às críticas inseridas nos pareceres do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

de grandes coleções de Brasiliana). É neste contexto que Castro Maya por meio de uma negociação com a Casa Brasileira de Paris, dirigida pelo marchand Roberto Heymann, adquiri na década de 1940¹⁷ mais de quinhentas obras originais de Jean-Baptiste Debret. As obras pertenciam à família do artista e foram repatriadas ao Brasil cem anos depois de serem executadas pelo mesmo. Desta maneira, o renome do artista se tornou familiar para os brasileiros.

(...) Somente em 1938, noventa anos após a morte do pintor, sua sobrinha-bisneta, uma certa Madame Morize, procurou Roberto Heymann – marchand franco-brasileiro, nascido no Mato Grosso, com alguma atuação na comercialização de obras de artistas viajantes em Paris – e ofereceu-lhe o fabuloso acervo de 551 trabalhos originais de Debret que havia herdado. Heymann conseguiu vender integralmente o conjunto para o industrial Raymundo Ottoni de Castro Maya, grande colecionador do Rio de Janeiro. Foi esta venda que deu origem a uma nova etapa na apreciação da obra de Debret no Brasil, a partir dos anos 40 do século passado (BANDEIRA; LAGO, 2009, p. 13-14).

É também na década de 1940 que Castro Maya criou a *Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, por meio da qual edita 23 livros de literatura brasileira com ilustrações de artistas como Di Cavalcanti (1897-1976), Portinari (1903-1962), Poty Lazzarotto (1924-1998), entre outros. Maya participou da fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) em 1948, e foi o seu primeiro presidente. No ano de 1952 fundou a *Sociedade Os Amigos da Gravura*, para difundir e incentivar a produção gráfica brasileira.

Em 1954 editou livros de Debret (*Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*), salvaguardados na biblioteca dos Museus Castro Maya, também compõem a coleção de Brasiliana do artista.

Na década de 1963, criou a *Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya*, que inaugurou os Museus Castro Maya: o Museu do Açude (1964) e o Museu da Chácara do Céu (1972), ambos em propriedades herdadas de seu pai. Localizado no Alto da Boa Vista, a propriedade do Museu do Açude foi adquirida no ano de 1913 e reformada na década de 1920. Aberto ao público

¹⁷ Neste período o mercado de arte europeu sofria os efeitos da guerra. Com isto, colecionadores americanos e brasileiros foram os beneficiados. Ver: SIQUEIRA, Vera Beatriz. A alegria dos amantes: Jean-Baptiste Debret na coleção Castro Maya. **Revista 19&20**. Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/debret_01.htm. Último acesso em: 15 ago. 2015.

em 1964, exhibe coleções de azulejaria e louça do Porto, arte oriental e artes aplicadas. Já a propriedade da Chácara do Céu herdada em 1936 e demolida em 1954, possui uma arquitetura moderna (influenciada pela aproximação de Castro Maya com o movimento modernista). Construída em um platô no alto do morro de Santa Teresa e com vista privilegiada para a Baía de Guanabara, integra a residência aos jardins (projeto do arquiteto Wladimir Alves de Souza). Aberto ao público somente em 1972 (após a morte de Maya), o Museu da Chácara do Céu exhibe coleções de arte de diversos períodos e diferentes origens.

Ambas as casas foram doadas por Castro Maya a sua Fundação que levava o seu nome (criada em 1963 e extinta em 1983 devido a problemas administrativos). Desde então, foram incorporadas ao governo brasileiro e atualmente integram o Instituto Brasileiro de Museus do Ministério da Cultura (IBRAM). No ano de 1974 os prédios, acervos e parques foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A coleção de Brasileira de Jean-Baptiste Debret (antes localizada no Museu do Açude), foi transferida para o Museu da Chácara do Céu em uma sala climatizada, devido o primeiro estar localizado em meio à Floresta da Tijuca, uma área muito úmida para salvaguardar as aquarelas do artista¹⁸. A aquarela requer cuidado em seu manuseio por ser mais delicada e menos resistente (se comparada às outras técnicas de pintura). Como alerta Mayer¹⁹, aquarelas não devem ficar expostas à umidade e a luz direta, devido à técnica ser executada em papel e ter a água como aglutinante.

Exposto isso, interessa-nos destacar que o acautelamento de tais obras implica a preservação da memória coletiva, da diversidade e das identidades plurais dos cidadãos brasileiros. Nessa direção, a utilização das representações pictóricas como fonte não pode ser reduzida à mera ilustração.

¹⁸ Informações adquiridas no acervo dos Museus Castro Maya, ao qual tive acesso em uma pesquisa de campo realizada no período de 21 e 22 de novembro de 2013.

¹⁹ MAYER, Ralph. **Manual do artista de técnicas e materiais**. Tradução Christine Nazareth. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Como assevera Pelegrini (2006) ²⁰, registros pictóricos são documentos que suscitam a compreensão de determinados contextos e memórias históricas; “a composição em si, os materiais artísticos e as técnicas empregadas são reveladoras de parâmetros e escolhas estéticas”.

A coleção Brasileira de Jean-Baptiste Debret dos Museus Castro Maya, não somente recuperou a memória do Brasil oitocentista, como também, à celebração de seu patrimônio natural, cultural e histórico. Tecnicamente, a produção de Debret consiste em pinturas de pequenas dimensões, porém, os detalhes minuciosos de suas pinceladas juntamente com o colorido de sua composição descortinam os particulares da vida nos trópicos: costumes, crenças, festas, danças, entre outros.

Portanto, o acatamento não só desta coleção (mas como de qualquer outra), consiste também em um exercício de cidadania perante a sociedade. No âmbito do patrimônio, Pelegrini chama a atenção para a “Declaração do México” ²¹, documento que definiu o patrimônio como produções de “artistas, arquitetos, músicos, escritores, entre outros”. A referida declaração ressaltou a importância da preservação das obras de arte e também frisou que a salvaguarda e o “apreço pelo patrimônio cultural permitem aos povos a defesa da sua soberania e independência” (PELEGRINI, 2006, p.117).

Nos dias atuais, a preservação do patrimônio se mantém articulada às memórias e às identidades plurais. Nessa linha de abordagem, como sugeriu Pierre Nora:

A memória recorre aos valores que cultivamos individualmente e está intrinsecamente, associada à memória coletiva, porque constitui um elemento de negociação importante no convívio social (NORA, 1993, p.7-8).

Nessa perspectiva, Jean-Baptiste Debret está presente em nosso cotidiano por meio de suas produções artísticas, suas obras que integram a coleção de Brasileira dos Museus Castro Maya são fundamentais referências

²⁰ PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e Natureza: Os desafios das práticas preservacionistas na esfera do Patrimônio Cultural e Ambiental. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v.26, n.51, p. 115-140, jun. 2006.

²¹ Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais realizada em 1985. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf>. Último acesso: 15 ago. 2015.

de Brasil oitocentista e de século XIX no país, nos proporcionando reflexões sobre o passado e também sobre os caminhos do futuro.

Para concluir, cabe frisar que estas obras, assim como quaisquer outras, são representações construídas sob a ótica de um artista inserido no mundo e que não devem ser tomadas como expressão de verdade e ou testemunhos do real.

A Brasileira de Debret contribui como parte essencial de nossa história, da construção de nossa identidade, assim como, para a preservação de nossas memórias coletivas (concernentes aos bens patrimoniais e às manifestações culturais). Sua salvaguarda corrobora para que o legado do artista e sua memória sejam acautelados para futuras gerações, assim como, para futuros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas: Papyrus, 1995.

BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil: obra completa, 1816-1831**. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2009.

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". In. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 165-196.

BERTONHA, Ivone. A Arte de Nicolas-Antoine Taunay: Um diálogo com o Iluminismo. **Anais do IV Congresso Internacional de História da UEM**, Maringá-Paraná, 2009.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COLI, Jorge. Claro-Escuro. **Diálogos – Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá**. Maringá – PR, v.1, p. 53-66, 1997.

DEBRET, Jean-Baptiste, 1768-1848. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Milliet / apresentação de M. G. Ferri – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. Tomo I, volumes I e II.

_____. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. - tradução e notas de Sérgio Milliet, notícia biográfica de Rubens Borba de Moraes. São Paulo, Martins, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972. Tomo II, volume III.

_____. **Caderno de Viagem**. (Texto e Organização: Julio Bandeira), Rio de Janeiro: Editora Sextante Artes, 2006.

DIAS, Elaine. Correspondências entre Joachim Le Breton e a corte portuguesa na Europa: o nascimento da Missão Artística de 1816. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 12, p. 301-313, jul./dez. 2006.

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo – Companhia das Letras, 1989.

MAYER, Ralph. **Manual do artista de técnicas e materiais**. Tradução Christine Nazareth. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. **A Trama das Imagens: Manifestos e Pinturas no Começo do Século XX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

MIGLIACCIO Luciano. Um pintor de paisagem e gênero. In. SCHWARCZ, Lilia Moritz e DIAS, Elaine: **Nicolas-Antoine Taunay Uma leitura dos trópicos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

NAVES, Rodrigo. Debret, o neoclassicismo e a escravidão. In. **A Forma Difícil: ensaios sobre a arte brasileira**. São Paulo: Ática, 1996 e 2011.
_____. Três vezes Debret. **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 22-26, abril. 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História. PUC, p. 6-8, 1993.

OLIVEIRA, Carla Mary S. O Cotidiano Oitocentista pelos olhos de Debret. **Saeculum Revista de História**. João Pessoa, n. 19, jul/dez. 2008.

PELEGRINI, Sandra C. A. e ZANIRATO, Silvia H. Dimensões da imagem. Maringá: EDUEM, 2005.

PELEGRINI, Sandra C. A. A Arte e o Patrimônio latino-americano no ensino e na pesquisa histórica. **Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Campinas, 2006.

_____. O Patrimônio Cultural e a Materialização das Memórias Individuais e Coletivas. **UNESP- FCLAs – CEDAP**. v.3, n.1, p.95-109, 2007.

_____. Cultura e Natureza: Os desafios das práticas preservacionistas na esfera do Patrimônio Cultural e Ambiental. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v.26, n.51, p. 115-140, jun. 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Sol do Brasil. Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos**, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

_____. **A natureza como paisagem e como emblema da nação: uma reflexão sobre arte neoclássica no Brasil do século XIX e acerca da produção de Nicolas Taunay.** Oxford, UK: Centre for Brazilian Studies/ University of Oxford, 2004. Disponível em: <http://www.brazil.ox.ac.uk/workingpapers/Schwacz49.pdf>. Acesso em 26 de abril de 2012.

SIQUEIRA, Vera Beatriz Cordeiro. **A Riqueza pelas coisas: a Coleção de Raymundo Ottoni de Castro Maya.** Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

_____. A alegria dos amantes: Jean-Baptiste Debret na coleção Castro Maya. **Revista 19&20.** Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/debret_01.htm. Último acesso em: 15 ago. 2015.

STAROBINSKI, Jean. **1789: Os Emblemas da Razão.** Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TUTUI, Mariane Pimentel. **As Representações da Festa em Debret: Um destaque ao Dia d’Entrudo e à Marimba.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, 2014.

_____. Aquarelas do Brasil: A importância dos registros pictóricos de Debret. **Artigos do Patrimônio – IPHAN, 2015.** Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Aquarelas_do_Brasil_A_importancia_dos_registros_pictoricos_de_Debret_m.pdf

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS:

Enciclopédia Itaú Cultural:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa214169/raymundo-otoni-de-castro-maya>. Último acesso em: 18 ago. 2015.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – Declaração do México – Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (1985):

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf>. Último acesso em: 15 ago. 2015.

Instituto Moreira Salles - Glossário de Técnicas e Processos Gráficos e Fotográficos do Século XIX:

<http://www.ims.com.br/ims/explore/acervo/noticias/glossario-de-tecnicas-e-processos-graficos-e-fotograficos-do-seculo-xix>. Último acesso em: 10 jun. 2015.

Museus Castro Maya – Instituto Brasileiro de Museus/ MinC:

<http://museuscastromaya.com.br/>. Último acesso em: 12 jul. 2015.